

REVISTA HISTORIAR

Cosma Silva Araújo

Graduanda do Curso de História na Universidade do Vale do Acaraú.

Telma Bessa Sales

Professora, Dra. Vinculada ao Curso de História, da Universidade Estadual Vale do Acaraú-UVA.

*O CANDANGO VAI PARA BRASÍLIA:
TRABALHADORES DE ARAQUÉM NA
CIDADE EM CONSTRUÇÃO (1956-1960)*

Resumo

O artigo trata das trajetórias e experiências de trabalhadores do distrito de Araquém, Coreaú, Ceará que migraram para Brasília nos anos de 1956 a 1960. Por meio da metodologia da história oral buscamos dialogar e problematizar os significados elaborados pelos sujeitos sociais, sobre a construção da cidade de Brasília. Analisamos a história social deste grupo de trabalhadores, em diálogo com fontes diversas e pesquisadores. Abordamos questões como conflitos, jornada de trabalho, lazer.

Palavras-Chave: História oral – Migração - Candangos.

Abstract

The article deals with the trajectories and experiences of workers of Araquém district, Coreaú, Ceará that migrated to Brasília in the years 1956 to 1960. Through the Oral History methodology we seek to dialogue and to problematize the meanings produced by social subjects, about the construction of the city of Brasília. We analyzed the social history of this group of workers, in dialogue with various sources and researchers. We discuss issues such as conflicts, hours of work, leisure.

Keywords: Oral History. Migration. Candangos.

1. Araquém: ontem e hoje

O Distrito de Araquém aparece na documentação oficial, ainda no século XVIII, com nome de Santo Antônio do Olho D'água, então pertencente à freguesia de Granja. O processo de ocupação estrangeira no Ceará, com a constituição de fazendas a partir dos rios e seus afluentes como o Jaguaribe, Acaraú e Coreau, Santo Antônio do Olho D'água não foi diferente. Esta comunidade foi surgindo às margens do Rio Juazeiro, afluente do rio Coreau, nas Sesmarias de Manuel Dias de Carvalho.

Segundo Leonardo Pildas (2003), o povoado de Santo Antônio do Olho D'água, teve início em 30 de março de 1705, quando foi concedida, pelo Capitão-mor João da Mota, uma data de sesmarias ao tenente Manuel Dias de Carvalho e Félix Coelho, entre os rios Coreau e o Riacho das Rolas. Araquém se tornou distrito de paz pela lei nº 2.078 de 28 de agosto de 1884. A denominação atual foi dada pelo decreto nº 448, de 20 de dezembro de 1938, em homenagem ao cacique tabajara pai de Iracema no romance de José de Alencar.¹

Atualmente, o distrito possui cerca de 7 mil habitantes, está localizado a 18 km da sede municipal Coreau², tem como principal característica econômica a agricultura, pecuária, e empregos públicos.

Em uma pesquisa realizada em 2009, por pesquisadores da Universidade Federal do Ceará (UFC) há um levantamento de dados sobre as construções em tijolos de Adobe na região Noroeste do Estado, em que o Araquém foi um dos lugares analisados e onde os pesquisadores encontraram grandes números de construções utilizando a técnica em questão. Segundo a pesquisa, Araquém na época possuía mais 70% das casas tanto antigas e recentes em construções de tijolos de Adobe, as construções de casas utilizadas essa técnica se dá, tanto por questões econômicas, por ser mais barato, quanto por questões culturais, ligado à tradição.³

No mapa desenhado por Quintino Albuquerque, morador local, há uma representação do lugar no ano de mil novecentos e trinta e dois, duas décadas anteriores ao recorte abordado na nossa pesquisa, década de cinquenta, embora consideremos que o mapa é apenas uma representação do período, que tem a igreja de Santo Antônio como marco referencial, sede do distrito, é importante na nossa análise, pois nos dá uma visão de como era a localidade na primeira metade do século XXI. Era composto apenas por algumas ruas, com pequenas casas, em construções simples, em tijolos de Adobe, ou casas de pau-a-pique, (taipa).

¹ PILDAS, Leonardo. **História de Coreau (1702 -2002)** - Sobral: Expressão Gráfica e editora Ltda., 2003.p.285.

² O município parte da região noroeste do Estado do Ceará, microrregião da Cidade de Sobral, distante 270 quilômetros de Fortaleza. Segundo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Coreau possui 21,770 mil habitantes.

³ CARVALHO, R. MARINHO; BERTINI, A. A.; VARUM, H. S. A. Expedição Caminhos da Terra: Levantamento Final das Construções em Adobe nas Regiões Norte e Nordeste do Estado do Ceará. 2010. Disponível em, <http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/4910/1/2009_eve_aabertine.pdf,> acesso em 29 de set. 2014.

légua daqui, aí a gente carregarra água pra porco, galinha, pra tudo, até uma vaquinha que o papai tratava ele levarra água do poção, trazia água pra cozinhar, beber, era o maior sofrimento.⁵

2. Araquém e Brasília: Entre a seca e o sonho da nova cidade.

Juscelino Kubitschek vence as eleições em outubro de mil e novecentos e cinquenta e cinco, apoiado pela coligação PSD/PTB, embora em meio a muitos conflitos, e tentativas de interromper o processo democrático, advindos de opositores do governo como a UDN o presidente toma posse em janeiro de mil novecentos e cinquenta e seis. Traçou um novo rumo pra a história econômica do País, através do que ficou conhecido como o Plano de Metas, o que abrangia os seguintes setores: energia, transporte, alimentação, indústria de base, educação, e por ultimo a criação da Capital no Centro Oeste do País “no discurso inicial de sua campanha eleitoral á Presidência de 1956, Juscelino prometeu o que nenhum presidente havia feito: Construir a nova Capital.”⁶ Esta última, se tornou a “menina dos olhos do Presidente” e seria a “Meta- síntese” deste, que se incumbiu da tarefa de não só construir uma Cidade, mas mudar a Capital do país. Brasília, logo se tornou um lugar atrativo para muitos brasileiros que buscavam por trabalho.

Quando o presidente Juscelino Kubitschek decidiu construir a capital do País no Planalto Central, muitos cearenses se animaram com a oportunidade para mudar de vida. Pedreiros, carpinteiros, ajudantes de obra, agricultores, comerciantes, fotógrafos. Um contingente de 64.314 candangos que trabalharam febrilmente na construção da futura cidade.⁷

Segundo Ribeiro (2008), o ano de mil novecentos e cinquenta e seis, foi dedicado às iniciativas de cunho político e jurídico que possibilitasse a construção e a transferência da sede do governo para nova capital, entre essas iniciativas estava a promulgação da lei de criação da Companhia Urbanizadora da Nova Capital do Brasil – (NOVACAP, a qual foi concedido amplos poderes para providenciar as construções das obras da futura capital “sem consultas prévias ao Congresso Nacional; articulações para que os políticos da região Centro – Oeste assumisse o projeto da construção, independente de filiação partidária; estruturação do concurso público para o Plano Piloto, etc.”⁸

A aprovação da lei nº 2.874, de 19 de setembro de 1956, que a constituiu, foi fruto de articulações políticas para que se pudesse contar com uma empresa vinculada aos poder executivo com a maior autonomia possível. (...).⁹

⁵ Entrevista com Domingos Teles de Albuquerque, realizada em 05 de junho de 2013, em sua residência, no Distrito de Araquém/Coreaú.

⁶ MIIDER, C., CASALI, C.JK: a construção do mito antes da minissérie global. 2ª Ed. Revista: Revista Científica Interdisciplinar da Gradação, São Paulo, 2011.p. 04.

⁷ IBIAPINA. Wilson. Força e garra dos cearenses na construção da Capital Federal. Disponível em: <<http://www.brasilia50anosdeceara.com.br/index.php/clipping/70-forca-e-garra-dos-cearenses-na-construcao-da-capital-federal>> Acesso em 17 de março 2014.

⁸RIBEIRO, Gustavo Lins. O Capital da Esperança: a experiência dos trabalhadores na construção de Brasília. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2008. P. 30.

⁹ Ibidem. 47-48.

Assim, “para efetuar os trabalhos de um grande projeto é comum estabelecer-se uma grande companhia estatal que gerencia toda a obra e empreita os serviços de diversas companhias particulares que participarão da construção.”¹⁰. Em Brasília, esteve a cargo da NOVACAP. Juscelino nomeou pessoas de confiança para administração da NOVACAP, como Israel Pinheiro para Presidente, Bernardo Sayão, Ernesto Silva e Oscar Niemeyer para a diretoria, lançaram um concurso público para o projeto de urbanismo da nova Capital, em que Lúcio Costa saiu como vencedor.

Embora as construções tivessem se iniciado em 1957, foi apenas em 1958 que o aumento do fluxo migratório de Araquém Brasília se intensifica. É importante salientar que durante o ano de mil novecentos e cinquenta e oito, o Ceará passava por uma grande seca, que deixou efeitos calamitosos na população, mas a decisão de migrar para Brasília, para alguns, ocorreu de forma súbita, e não planejada, e não teve a seca como único motivador. O Sr. Benedito Teles Moreira, viajou pela primeira vez em novembro de 1958, quando indagado sobre os motivos de sua migração para Brasília ele responde:

A seca de 58, não tinha como a gente sobreviver aqui, né. Aqui só ficou as mulher aqui, os homem foram embora tudim, ficou só as pessoas mais velha, até o papai foi [...]vendeu um terreno aqui nos Angicos pra poder viajar conseguir verba e deixar pra família cumê, né. Pra num deixar com fome.¹¹

O Sr. Benedito Teles Moreira cita a seca como motivo para a viagem, seu pai que também migrou para Brasília na época, precisou vender um terreno no local nas proximidades de Araquém, para poder deixar a família com condições necessárias à sobrevivência no período que ele estivesse fora, para que elas não passassem necessidade. Os seus planos iniciais era morar em Parnaíba com o seu tio Alfonso, ao se estabelecer em Parnaíba, ficou sabendo sobre a construção de Brasília.

(...) eu disse - pai eu vou embora pra Parnaíba trabalhar mais o ti Alfonso, aí ele disse: não vai não, eu digo: eu vou pai, vou fazer o que aqui, na seca no Ceará? O ti Alfonso já foi se embora eu vou fazer o que? Eu vou morrer de fome aqui? Aí tirei meus documentos e fui, aí no dia da viagem, as vésperas da viagem chegou foi uma carrada lá, mais de quinze pessoas.¹²

Segundo Neves (2000), o clima do semiárido onde está localizado o Ceará, constituiu-se ao longo da história um problema para a fixação e estabelecimento de unidades econômicas permanentes, pois as irregularidades de chuvas características desse clima, limitam as possibilidades do uso dos solos e conseqüentemente a produção em larga escala. As estruturas sociais organizadas na região, aliado as características naturais, jamais permitiram uma relação do homem com os

¹⁰Ibidem. P. 46

¹¹ Entrevista com Benedito Teles Moreira, realizada em 28 de Agosto de 2011, em sua residência, no Distrito de Araquém/Coreaú.

¹²Entrevista com Benedito Teles Moreira, realizada em 28 de Agosto de 2011, em sua residência, no Distrito de Araquém/Coreaú..

limites do semiárido de modo a garantir uma vida segura diante da possibilidade da natureza. Ainda para o autor, a escassez de chuva na região conhecida como polígono das secas, não é um problema em si, pois traz nas estruturas de poder implicações políticas e sociais refletidas nas relações entre os homens e o meio natural.

A seca é entendida nesta pesquisa de acordo com as concepções de Neves (2000), é um fenômeno que não deve ser entendido apenas por suas características naturais, pois está embrincado de um “conjunto de razões, em um fenômeno social complexo- a seca enquanto fenômeno social inclui uma série de relações sociais, políticas, econômicas e culturais – que passa a fazer parte da ordem social e da história do Ceará.”¹³

Quando falamos em seca, estamos nos referindo aos terríveis acontecimentos sociais causadas por uma súbita escassez: destruição das colheitas de subsistência, migrações descontroladas, fome, aumento da miséria e da destruição, conflitos sociais, invasões de cidades, saques de armazéns, corrupção, manipulação política etc.¹⁴

Importa considerar os problemas com a prática da política local, pois na década de cinquenta, as relações sociais nas cidades do interior ainda sofriam com a política paternalista, em que as relações sociais estavam pautadas na relação de assistencialismo. Assim nas obras contras as secas “passam a significar o instrumento através do qual as relações paternalistas persistem no interior da política representativa. A troca de lealdade por vagas nas obras em tempo de crise é a nova forma de reciprocidade desigual característica do paternalismo.”¹⁵

Na verdade, estamos falando de certas características da sociedade Brasileira – a economia tradicional de subsistência, o paternalismo, o controle coronelístico da política etc- que tornam uma extensa população que habita o semiárido nordestino extremamente vulnerável diante da irregularidade de chuvas e outras alterações de suas condição de subsistência, por mais insignificantes que sejam.¹⁶

A seca de cinquenta e oito aconteceu em um momento conturbado, com agitações políticas e sociais, como apresenta Neves,

A década ficou marcada pela campanha nacional pela Reforma Agrária, pelas agitações das Ligas Camponesas, pelas atividades do clandestino Partido comunista, pela instabilidade institucional decorrente do suicídio de Getúlio Vargas, pelos projetos desenvolvimentistas etc. Todas essas ações deu àqueles anos um caráter de “revolução” ou, pelo menos, de “processo revolucionário” ou “rebelião” quando todas as garantias pareciam sobre suspeitas e o tecido social parecia esgarçado por novas e emergentes possibilidades de configuração. A necessidade de um planejamento global e regional, assim, parecia inadiável e os estudos para a criação de um órgão

¹³ NEVES, Frederico de Castro. A seca na história do Ceará. In: Uma Nova História do Ceará. Simone Souza (org.). – Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2000. P.100.

¹⁴ Ibidem. p.101.

¹⁵ Ibidem. p. 95.

¹⁶ Ibidem. p. 102.

central de planejamento aconteceram ainda na metade desta década.¹⁷

João Raimundo Vasconcelos, nascido em primeiro de novembro de mil novecentos e trinta e sete, quando indagado sobre os motivos que levaram a migrar para Brasília, ele nos revela que foi a preocupação com a família, pois seu pai havia falado das secas do quinze, e dezenove, assim, quando começou a seca de cinquenta e oito, ele se preocupou com a falta de recurso em Araquém e com a sobrevivência da família e decidiu procurar trabalho, antes de decidir pela migração, trabalhou na construção da estrada do Campanário a Granja.¹⁸

(...) aí quando veio o outro em cinquenta e oito, você não acredita que eu nessa época chegou uma fase de insônia em mim, eu me preocupando com aquela família grande, que é a família do papai era dezesseis filho, eu vendo aquela familhona grande, eu digo, como é que o papai vai passar? E já tinha dois fora, que era um na marinha e tinha um no Amazonas, esse da Amazônia intê já morreu já, e eu fiquei preocupado, fiquei catando, fui catar serviços, só que cheguei a fichar aí no campanário, na estrada.¹⁹

O Sr. João Batista Vasconcelos, conta que quando chegou ao Campanário²⁰ para ser ‘fichado’ na obra, passou o dia sem comer, quando ouviu a voz de um conterrâneo que ofereceu um pouco de comida, pois o mesmo, já tinha conseguido se alistar, e tinha recebido o fornecimento de terça feira, que consistia em rapadura e farinha. O pagamento pelos serviços prestados não era em dinheiro, era apenas em forma de fornecimento que era distribuído em forma e alimentação, e que só eram entregues no início e no final de cada semana, “o de terça eu comia ele lá, e o de sexta eu trazia pro, papai aqui, era assim, lá ninguém via dinheiro”.

Aí anoiteceu, quando foi de noite, eu entre lá pro, lá no campaneiro tinha um galpãozinho lá, assim, só coberto e tava aquele multidão de gente caçando lugar pra se agasalhar e eu entrei alí no galpão escutei uma zoada, uma voz aqui do Antônio do Firmino Barros, aí eu fui aonde ele tava, ele tava, ele tinha fichado e fornecia logo, e tirava o fornecimento, aí o toinho tava comendo rapadura com farinha e eu não tinha comido nada, passei o dia lá no campanário sem comer. Ai toinho disse “*João tu quer comer rapadura com farinha?*” eu disse - “comi rapadura com farinha lá (...) aí bebi água, aí dormi lá no chão, aí no outro dia muito cedo, eu fui pro escritório, onde tava um vei do campanário, aqui que era daqueles Queiroz, ele atrás de duas pessoas pra botar na turma dele, aí me cheguei, assim, a ele, eu digo,” oh, sou de tal parte, cê quer mim empregar aí? Aí se... e disse, quero, cê enfrenta trabalhar mais eu? - eu enfrento. Aí eles arrumou os dois, e fichemo, nesse dia mesmo tiremos fornecimento e fumo pro trecho, aí fiquei trabalhando isso era em março, fiquemo trabalhando de março, abril, maio, junho, agosto, setembro, outubro, quando foi outubro cortou o serviço vei, tudo e aí, eu digo agora eu tenho que pegar uma direção, fui primeiro pra Parnaíba, aí de Parnaíba foi que resolvi eu ir pra Brasília²¹.

¹⁷ Ibidem .p .97.

¹⁸ Cidades vizinhas ao município de Coreaú.

¹⁹ Entrevista com João Batista Vasconcelos, realizada em 28 de janeiro 2013, em sua residência, no Distrito de Araquém/Coreaú.

²⁰ Município do Estado do Ceará, localizado aproximadamente 42 km do município de Coreaú.

²¹ Entrevista com João Batista Vasconcelos, realizada em 28 de janeiro 2013, em sua residência, no Distrito de Araquém/Coreaú.

Conforme Neves (2000), a década de cinquenta acentuou a “política de fixação do homem a terra”, política esta, que já vinha se constituindo desde início do século XX, ganha novos contornos e significados, pois a retirada dos sertanejos passa a representar um declínio no controle político local, sob os eleitores. E “a solução hidráulica” baseada em obras públicas para ocupar os retirantes, e mantê-los próximo ao seu locais de origem, passa a ser utilizada como meios de manipulação política na distribuição de empregos e nas vagas para alistamentos nas obras, onde estabeleciam privilégios aos seus pares políticos. Assim, “milhares de trabalhadores são listados em obras de qualidade sempre duvidosa, nas quais mais vale o controle sobre as migrações e sobre a sedição das multidões que a utilidade do equipamento construído. (...)”²²

Para Neves (2000) neste contexto, embora com uma nova roupagem, a SUDENE se incluiu ao modelo da política paternalista tradicional, pois houve um controle dos órgãos de planejamento pelos poderes políticos locais, já que ao serem definidas as áreas críticas os recursos eram destinados direto para os municípios. Assim, as obras públicas beneficiavam as propriedades pertencentes aos chefes políticos locais, onde os trabalhadores eram submetidos ao trabalho com mão de obra quase gratuita.

Quando Sr. João Vasconcelos foi dispensado dos serviços na frente de trabalho, foi convidado pelo seu tio Alfonso, a morar em Parnaíba, porém só ao chegar à cidade seu tio fala da existência de trabalhadores migrando para Brasília. A decisão de ir para Brasília aconteceu de forma rápida, como ele mesmo afirma, com vinte e quatro horas que ouviu falar de Brasília, já tinha tomado sua decisão. Assim, as relações com Parnaíba que fazem com que os moradores do distrito de Araquém tomam conhecimento da Construção de Brasília.

Foi uma coisa, assim, muito chegada, muito apressado, vamos dizer assim foi vinte e quatro horas, as vinte e quatro hora que eu escutei aquele som que eu podia ir pra lá, foi que eu comecei entoar, mas antes eu não entoava não, a gente só já trazia o sofrimento daqui, da seca, e lá eu trabalhando, mas era assim, aquela tristeza e tudo em Parnaíba. ai quando o tio Alfonso falou assim, -”Taí João, esse vei ai tá pegado passageiro pra levar pra Brasília, ele que logo é a pessoa, não quer saber de dinheiro não, lá eles de cuidam, que já fichava pra no primeiro pagamento, três pagamento que a pessoa tirava já era descontado, sem nem quanto era que era cobrado de passagem ele recebia lá no escritório, ele tinha um contato lá com a firma que aquela importância daquela pessoa, ele ia buscar, a gente quando recebia o pagamento era descontado.”²³

A decisão de migrar aconteceu para o Sr. João Vasconcelos de forma súbita e, sem planejamento e organização. O homem, indicado por Alfonso era chamado Firmo Teles, um Sr.

²² NEVES, Frederico de Castro. op. cit., loc. cit. p.96.

²³ Entrevista com João Batista Vasconcelos, realizada em 28 de janeiro 2013, em sua residência, no Distrito de Araquém/Coreaú.

cearense da região do Coreaú, que já estava estabelecido em Brasília, e vivia entre ida e vindas para Parnaíba, transportar trabalhadores que eram levados diretamente para a construtora chamada *Pacheco Fernandes Dantas*, construtora onde as maiorias dos migrantes Araquense foram trabalhar. O Sr. João Vasconcelos nos fala que, ele e muitos outros trabalhadores viajaram sem ao menos o dinheiro da passagem, e que o valor destinado a esta era cobrado nos três primeiros pagamentos recebido na firma contratante, neste caso, a Pacheco.

Já o Sr. Domingo Teles ficou sabendo da construção de Brasília, por um primo, chamado Antônio Chico, que morava em Parnaíba, e foi passear em Araquém, em cinquenta e oito, e lhe falou do Sr. Firmo Teles. Foi então que ele, em companhia de outros trabalhadores decidiram ir a Parnaíba, para poder seguir a Brasília.

Nós ficamos sabendo, é que tinha um primo meu na Parnaíba, Antônio Chico, aí ele é sobrinho da mãe, veio aqui passear aqui em cinquenta e oito, ai falo que tinha esse Firmo Teles pegando passageiro pra Brasília, ai ficamos certo pra ir.²⁴

Segundo o Sr. Domingo Albuquerque, os trabalhadores saíram de Araquém na madrugada do dia vinte e seis de novembro de cinquenta e oito, ele em companhia do Sr. Benedito Teles Albuquerque, Carlito Cardoso, Fraciné, Carlito, Pastor, Zé Portela, João Vasconcelos, Manuel Vicente, Zé Vicente e Chichico a pé, até chegar a Bela Vista, onde pegaram carona em um carro que transportava cal e que ia para o município de Tianguá, onde pegaram outro transporte, e de lá foram pra Parnaíba.

Chegando à Parnaíba, foram para casa do Antônio Chico, passaram nove dias na casa dele esperando o carro que iria leva-los á Brasília. Indagado sobre a motivação para sua migração, ele responde “Resolvi porque, tava aqui parado, sem fazer nada e precisava do dinheiro”, sua esposa acrescenta, que “Os pais deles tinham condições de dar de comer a ele, o negócio é que eles queriam ganhar dinheiro”.²⁵

Quando interrogado ao Sr. Carlito Teles Cardoso o porquê da sua decisão de migrar, ele responde sorrindo “os motivos, foi à seca mesmo, que nos fez ir” e em seguida completa, “tava em começo a Brasília, ai animaram a gente, e nós fumo.” Eis um trecho da sua fala:

Ninguém foi obrigado, foi obrigado assim por que nos tava desamparado, né, mas não me lembro de o papai ter obrigado não, foi por livre vontade mesmo. [...] Animação dos outros naquela folia, a gente pegava e ia[...] pela folia mesmo [...].²⁶

²⁴ Entrevista com Domingo Teles de Albuquerque, realizada em 05 de junho de 2013, em sua residência, no Distrito de Araquém/Coreaú.

²⁵ Rita Moreira de Albuquerque, estava presente no momento da Entrevista com Domingo Teles de Albuquerque, realizada em 05 de junho de 2013, em sua residência, no Distrito de Araquém/Coreaú.

²⁶ Entrevista com Carlito Teles Cardoso, realizada em 28 de Agosto de 2011, em sua residência, no Distrito de Araquém/Coreaú.

A senhora Francisca Teles Dourado, esposa de Sr. Carlito, estava presente na hora da entrevista, e sempre o ajudava a incrementar e enriquecer o nosso diálogo.

O negócio é quando se arrumam, começa se arrumar e as pessoas que querem ir animam, e as pessoas vão por animação [...] Muitos iam porque tava necessitados, os pais não tinha nada, deixou a família aqui, muitos foram trabalhar pra mandar pra família aqui. Às vezes por animação dos outros mesmo né, as pessoas se animam e vão. Porque precisão ele não tinha.²⁷

Na fala do Sr. Carlito Cardoso percebemos o desejo de conhecer outros lugares, “A folia, e também a gente conhecia né, a gente conhecia, a gente viver só num lugar só né, a gente andava também né”.

Assim, tanto na fala de Benedito Teles Moreira como na de Carlito Teles Cardoso, o discurso da seca aparece, mas ao contrário do primeiro que tem na seca o fator primordial para migrar, para o segundo, esse não foi o motivo maior e único, existiam outros como, a vontade de conhecer o novo, vontade de mudança de vida, e as influências dos outros trabalhadores, como ele mesmo coloca “Foi por folia mesmo”.

O Sr. José Portela foi na mesma data que o Sr. Domingo, ao falar sobre a ida dele a Brasília, ele evidencia a dificuldade de conseguir trabalho em Araquém, aponta também para os discursos que apresentava Brasília como um lugar que se ganhava muito dinheiro, “Mas tudo era difícil pra gente, serviço, tudo era difícil, pra gente aqui, aí o jeito era ir á Brasília, disse que lá era bom, era bom, era boa, a gente foi né”²⁸.

Ely de Souza Estrela desenvolveu um excelente trabalho sobre o processo migratório de Baianos para São Paulo, no período de 1930 a 1970, que resultou na obra “Sampauleiros: cotidiano e representação”. De acordo com Estrela (2003) os deslocamentos de pessoas no Brasil de uma região para outra, são promovidos em funções de interesses econômicos, obedecendo à lógica da demanda por mão de obra por grupos dominantes. Em diálogo com Eunice Durham, aponta os motivos socioeconômicos para o deslocamento da população rural com economia mais atrasada para regiões com economia avançada do país.

premidos por forças de transformações que afetam profundamente toda a sua existência, os trabalhadores rurais vêem destruído a viabilidade tradicional de adaptação ecológica, sem poderem aproveitar as novas oportunidades por estarem em um equipamento Cultural precário. Solicitados de um lado por novas necessidades, limitados por outro de uma tecnologia pobre, o homem do campo é objeto de tensões cada vez maiores, antes as quais a emigração se apresenta como uma das poucas soluções possíveis.²⁹

De acordo com Estrela (2003), para além dos motivos econômicos que contribuíram para

²⁷Francisca Teles Dourado em entrevista realizada com **Carlito Teles Cardoso**, em sua residência em Araquém, em 28/08/2011.

²⁸ Entrevista realizada com José Portela realizada em 05 de junho de 2013, em sua residência, no Distrito de Araquém/Coreaú.

²⁹ DURHAM; Eunice. 1973. p111. In ESTRELA, 2003. p.53.

o deslocamento de trabalhadores da Bahia para São Paulo, estão envolvidos uma série de fatores ligado ao espírito de aventura e de curiosidade em conhecer o novo, associado ao fascínio que São Paulo exercia sobre imaginário do migrante. Nas estrelinhas do discurso há “certa preocupação com aspectos relacionados à sobrevivência, mas o que parece falar mais alto, o que motivam mesmo a decisão de partida é a vontade de conhecer outras terras, outras pessoas, de viver novas experiências.”³⁰ Esse discurso de busca pelo novo, também aparece nas falas do trabalhadores de Araquém, pois não iam só para uma cidade que se construía, mas para a nova capital do Brasil. Nos diferentes momentos das entrevistas essas falas vão aparecendo, como a do Sr. Carlito, “ e também a gente conhecia né, a gente viver só num lugar só né, a gente andava também, né”.

Deste modo, percebemos nos relatos dos trabalhadores nesta pesquisa que a decisão de migrar vai muito além dos discursos de fuga da seca. Embora, seja incontestável a realidade aviltante que vivia a população cearense na época. Mesmo sem fazermos um estudo aprofundado na literatura relativa às abordagens teóricas metodológicas que trata da migração, entendemos que os fatores que contribuíram para o deslocamento dos trabalhadores de Araquém para Brasília, vão desde fatores, econômicos, sociais, como também fatores culturais.

3. Trajetos: O Candango vai para Brasília - a cidade em construção.

Brasília começou a ser construída em mil novecentos e cinquenta e seis, mas como já colocamos no primeiro capítulo, foi apenas no ano de mil novecentos e cinquenta e oito que se intensificou o fluxo migratório de trabalhadores de Araquém para Brasília. Contribuiu para isto, uma série de fatores citamos como exemplo, a seca de mil novecentos e cinquenta e oito, aliado a outros fatores sociais e culturais.

No Brasil há uma série de pesquisas que tratam das experiências dos trabalhadores que se utilizam do meio de transporte pau de arara para realizar a travessia da cidade de origem ao novo lugar escolhido para estabelecer moradia. Citamos a pesquisa “Canudenses em São Paulo” de Telma Bessa Sales e Ely de Souza Estrela com a obra “Sampauleiros: cotidiano e representação que tratam dessa temática”.

Sobre a estrutura física deste tipo de transporte utilizado pelos migrantes de Estrela, 2003 apresenta:

O pau -de- arara era (ainda o é) um caminhão em que as tábuas eram dispostas com espaçamento entre uma e outra, servindo de assento ao passageiro. Uns eram recoberto de lonas, outros não contavam com este recurso, expondo os passageiros a intempéries.³¹

³⁰ESTRELA, Ely Souza. Os Sampauleiros: Cotidiano e representações. São Paulo/Humanistas/Educ/ FAPESP. 2009. P.65.

³¹ ESTRELA, Ely Souza, op. cit., p. 113 et seq.

Comparando o pau de arara aos transportes ferroviários, a autora evidencia as vantagens destes em relação aqueles, dada a sua velocidade, chegava-se mais rápido ao local de destino, e o passageiro possuía certa liberdade em relação à frequência de paradas e o tempo dispendido em cada uma delas.

O Sr. Domingos Albuquerque, explica, “aí era assim a viagem, o pau de arara, em cima o carro coberto com uma capota, coberto na traseira do carro, ocupando mais ou menos uns dois bancos, era coberto só bagagem encima, aí naqueles e atolero tombava assim, aí as mulheres choravam.”³² Quando chovia, a água ficava presa na lona que, ao tombar, devido os “atoleiros” a água caía em cima dos viajantes.

É importante lembrarmos que o uso deste meio de transporte não era abandonado quando os trabalhadores chegavam à cidade, o pau de arara era utilizado também no deslocamento dos trabalhadores dos acampamentos para os canteiros de obra, como podemos observar na fala do Sr. Benedito Teles Moreira. “Quem trabalhava na firma era assim, os candangos, era que nós pegávamos os pau de arara e ia, nós trabaiava numa obra e ia pra cantina nós pegava o pau de arara, duas e meia, duas e cinco, duas e trinta, nos pegava o carro pra cantina.”³³

O Sr. Domingo Albuquerque, nos conta que, de Parnaíba à Brasília, passaram doze dias de viagem, o carro tinha um horário específico para parar, e permitir aos trabalhadores realizarem as necessidades fisiológicas. Parava na beira de estradas, entre dez, e dez e meia da noite, onde as pessoas poderiam descansar e dormir, muitos dormiam no chão, na traseira do caminhão, ou até mesmo no mato. Sobre as paradas estratégicas, o Sr. João Batista de Vasconcelos acrescenta:

Foi de pau de arara, carro comum, era um Chevrolet como esse carro do Quinca Pedro, era dois carros, um atrás do outro, aonde chegava anoitecia, se fosse lá perto de uma fazenda ele acostava na fazenda, pedia licença, o dono da fazenda deixava, a gente ia hora, era por estrada de chão, hora era nos asfalto, sei que foi doze dias de viagem, de Parnaíba pra Brasília.³⁴

A fala do Sr. Domingos Albuquerque, aponta para a falta de higiene dentro deste tipo de transporte. Viajavam em condições sub-humanas, sem higiene, como falaram muitos dos entrevistados, pois as pessoas acabavam fazendo as necessidades fisiológicas no próprio carro, “tinha uma mulher na Parnaíba, dona Raimunda ela levava três filhos, menino altão, ele era deficiente fazia obra até dentro do carro.”³⁵

³² Entrevista com Domingo Teles de Albuquerque, realizada em 05 de junho de 2013, em sua residência, no Distrito de Araquém/Coreaú.

³³ Entrevista com Benedito Teles Moreira, realizada em 28 de Agosto de 2011, em sua residência, no Distrito de Araquém/Coreaú.

³⁴ Entrevista com João Batista Vasconcelos, realizada em 28 de janeiro 2013, em sua residência, no Distrito de Araquém/Coreaú.

³⁵ Entrevista com Domingo Teles de Albuquerque, realizada em 05 de junho de 2013, em sua residência, no Distrito de Araquém/Coreaú.

Outras dificuldades enfrentadas pelos trabalhadores eram os atolamentos dos caminhões, devidos às chuvas em abundância, as estradas ficavam sensíveis aos atolamentos. Em que os trabalhadores mesmo cansados devido à viagem iam ajudar a desatolar os caminhões que os levavam, bem como ajudar em outros que estavam atolados e atrapalhando a passagem. Durante a travessia os migrantes enfrentaram chuva, sol, atolamentos, e doenças, como é o caso do Sr. Franciné Albuquerque, irmão do Domingo Albuquerque, que durante a viagem adoeceu porque comeu uma banana estragada e passou a viagem doente, “o Franciné, comeu uma banana na viagem, uma banana veio d’água, adoeceu e ficou da cor dessa parede aí, eu tava pensando que ele ia morrer era na viagem ainda”.³⁶

O Sr. Domingo Albuquerque evidencia que mesmo doente, com febre, o Sr. Franciné Albuquerque, descia do carro e ia ajudar aos outros homens a desatolar o caminhão, “aí ia atravessando os carros nos rios, numa lagoa como daqui a hospital, o carro encostava aquelas pranchas, aí o carro subia, aí atravessava o carro naquelas pranchão, chamava até a balsa, o maior sofrimento”.³⁷ Ao narrarem sobre suas trajetórias dentro do caminhão há uma visão unânime de sofrimento.

É importante ressaltar que os trabalhadores de Araquém por intermédio do Sr. Firmo Teles, pegavam os transportes em Parnaíba, com destino a Brasília, Firmo Teles era responsável desde a ida dos trabalhadores, bem como a retorno a Parnaíba.

A cidade de Parnaíba era o ponto de encontro entre os trabalhadores, pois muitos tinham parentes que lhes davam abrigo e trabalho, até que conseguissem viajar, como foi o caso de Sr. Benedito Teles que estava passando uns meses trabalhando na oficina do Seu Tio Alfonso, que foi estabelecer residência em Parnaíba. É importante considerar a importância das redes de sociabilidades estabelecidas entre os Trabalhadores que tem nas relações de parentescos um elemento de definição. Alfonso é um nome que é mencionado em quase todas as entrevistas, ele é um dos que migrou para Brasília, morou lá maior parte de sua vida, e na velhice voltou ao Araquém, aonde veio a falecer.

Aí, de lá, foi à família de tio Alfonso pra lá, aí nos fomos junto, né, daqui... daqui foram, desse carro que veio, pra sair daqui em dezembro, foi o papai, papai, Pastor, Zé Portela, Franciné, cumpade Domingo, Expedito Aquinacio, Quinca Raimundo com a família, o irmão do João Raimundo foi com a família lá na Parnaíba, o filho deles adoeceram nesses dias que nós passemos, nesses dias esperando transporte, eles adoeceram lá morreram e foram enterrados na Parnaíba.³⁸

³⁶Idem

³⁷Idem

³⁸Entrevista com Benedito Teles Moreira, realizada em 28 de Agosto de 2011, em sua residência, no Distrito de Araquém/Coreaú.

As narrativas destes trabalhadores são importantes para conhecer os caminhos e trajetórias, bem como amplia a pesquisa histórica, com utilização de várias fontes em diálogo com as fontes orais. Ao trabalhar com a metodologia da história oral, nos remetemos também aos “sujeitos ausentes”, conterrâneos que como eles, também migraram na mesma época, estes por serem mais velhos, já não estão mais vivos, mas estão presentes nas falas dos entrevistados. Como o distrito de Araquém era muito pequeno á época, no qual todos mantinham uma relação entre si, seja de parentesco ou amizade, é fácil os trabalhadores entrevistados se recordarem dos outros nomes de homens que viajaram com eles.

Na narrativa do Sr. Domingos Albuquerque, há referência a um acontecimento ocorrido na viagem de Araquém a Parnaíba, que é imprescindível na nossa análise, para podermos entender o perfil dos trabalhadores exigidos para trabalhar na construção de Brasília. Ao chegarem a Acarape, distrito de Tianguá, localizado a aproximadamente 35 km, do distrito de Araquém os trabalhadores foram indagados por um curioso que chegou ao local, sobre o destino final da viagem dos trabalhadores, eis um trecho da fala de Domingo Albuquerque.

Aí chegando ao Acarape (distrito de Tianguá) parou lá, pra entregar uma cal, lá no Acarape, aí um velho lá ficou arrudiando o carro, aí disse – me diga uma coisa, aonde é que vai esse pessoal? Aí o compadre Chico que é pai da Rita aí disse Assim: “ah, nos vamos pra Brasília” aí o esse homem disse assim: Mas Brasília? umas crianças dessas pra Brasília? Os pais de vocês não ficaram doído não. (...) Que era eu, o cumpade Ciné, nós parecia umas crianças mesmos, eu tinha uns dezenove anos, cumpade cine tinha dezoito, o Carlito parece que tinha uns vinte e um ano.³⁹

A preocupação e surpresa contida na pergunta feita aos trabalhadores, sobre as características físicas dos migrantes, reflete no que e Ribeiro (2008) apresenta como um perfil “ideal” de trabalhadores exigidos para o trabalho na construção civil de Brasília: homens jovens e de preferência solteiros, o que implicava nas formas de recrutamento e seleção no setor produtivo de Brasília.

Segundo Ribeiro (2008), a entrada, seleção e recrutamento dos trabalhadores de Brasília são entendidos através de duas categorias (afluxo organizado e desorganizado) quando se tornou organizado, “vai ficando cada vez mais claro o tipo ideal de Trabalhador para atuar em grandes Obras: Jovem, sem problemas de saúde, sem família e quanto mais qualificado melhor”.⁴⁰

Muitos dos que chegavam a Brasília iam procurar emprego na cidade livre,⁴¹ mas os

³⁹ Entrevista com Domingo Teles de Albuquerque, realizada em 05 de junho de 2013, em sua residência, no Distrito de Araquém/Coreaú.

⁴⁰ RIBEIRO, Gustavo Lins. O Capital da Esperança: a experiência dos trabalhadores na construção de Brasília. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2008.p.89

⁴¹ A Cidade livre, hoje Núcleo Bandeirantes tinha apenas caráter provisório, a ideia era que após a inauguração da Capital a população residente no local seria transferida para outro lugar. Chamava-se Cidade livre, por ser a área onde se podia entrar livremente, estabelecer residência, desenvolver atividades voltadas para o comércio mediante a inserção de impostos. Ver: RIBEIRO, Gustavo Lins. O Capital da Esperança: a experiência dos trabalhadores na construção de Brasília. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2008.p. 70-71.

trabalhadores de Araquém já saíam de Parnaíba com destino certo: eram levados a construtora Pacheco Fernandes Dantas, sendo quase que imediatamente contratados, todos falam da existência de um intermediador, conhecido como Firmo Teles, provavelmente era um funcionário da empresa empreiteira. A presença deste senhor nas trajetórias migrantes desde Parnaíba, denuncia que os trabalhadores de Araquém, entraram em Brasília, através do que Ribeiro(2008) constatou como Afluxo organizado.

Para entender o processo de chegada, recrutamento e seleção dos trabalhadores que se inseriram em Brasília é importante nos remetermos ao que Ribeiro, apresenta como categoria de análise. Para o autor, o processo de entrada, seleção e recrutamento dos trabalhadores no setor produtivo em Brasília, é analisado a partir de duas categorias: **o Afluxo desorganizado e afluxo organizado**. Enquanto no afluxo desorganizado os trabalhadores tomaram a decisão de migrar para o território sem a presença de um aliciador de mão de obra, e tiveram conhecimento da construção por outras vias extrapropaganda governamental, o afluxo organizado faz implicações como:

[...] o trabalhador tem como mediador da sua trajetória um aliciador de mão-de-obra, uma empresa particular ou um órgão governamental com as mesmas funções. É encaminhado ao território da construção por um órgão do Estado com funções explícitas de regularizar a formação e composição da força de trabalho dentro dos limites da produção do grande projeto e sob cujo controle o trabalhador pode permanecer desde a saída do seu local de origem até sua chegada e ingresso na unidade produtiva. Além disso, o indivíduo se inteira da presença da construção e das suas oportunidades com órgãos governamentais ou as empresas de construção particulares, nas quais já trabalha ou não, que o transferem para a área.⁴²

Ainda para o autor, os trabalhadores individuais que chegavam ao território da construção, nos primeiros momentos, ainda caracterizados como afluxo desorganizado, não vinham vinculados a nenhum emprego, como havia necessidade por trabalhadores logo conseguiam se engajar nos trabalhos da construção. O que se caracterizou de início como um afluxo desorganizado, foi mudando de panorama ao longo do tempo, pois logo, começou a existir uma tentativa de controle por parte dos responsáveis administradores na entrada dos trabalhadores no território, o que funcionou como uma maneira de controlar a superpopulação tanto no que diz respeito à quantidade e disponibilidade dos trabalhadores para os serviços, bem como no que diz respeito à provisão de habitação na cidade para aqueles que chegavam. Com o decorrer do tempo o afluxo desorganizado passa a conviver cada vez mais com o afluxo organizado.

Cabe destacarmos o papel desempenhado pelo Instituto Nacional de Imigração e Colonização-INIC, um dos órgãos do Estado que tinha nas atribuições a função de regularizar e fiscalizar o afluxo, a chegada e seleção e inserção dos operários. O Ribeiro (2008) destaca:

⁴² Ibidem, p. 78.

Operando nacionalmente, contava em sua estrutura com Postos de Colocação, Postos de Distribuição e Hospedarias de Trânsito que formavam cadeias de recepção e encaminhamento de trabalhadores e se localizavam, preferencialmente, em locais estratégicos como entroncamentos rodoviários e ferroviários. Para desempenhar suas funções reguladoras no tocante à formação da população trabalhadora em Brasília, o INIC, em atuação conjunta com a NOVACAP, contava com Posto Auxiliar em Anápolis, cidade que desempenhava importantes funções vis-à-vis o território da construção. Aqueles que chegavam através desta cidade goiana já haviam passado por uma triagem inicial e vinham de certo modo encaminhados.⁴³

Ainda para o autor, os trabalhadores submetiam-se ao Instituto Nacional de Imigração e colonização tanto os trabalhadores migrantes, que entram em Brasília através do fluxo desorganizado como os que entraram através do afluxo organizado. O INIC além atuava nos critérios de seleção, documentação e inserção na atividade produtiva.

Podemos perceber que o primeiro contato profissional dos trabalhadores de Araquém ocorreu na entrada deles no setor da construção civil em Brasília. Em diálogo com as entrevistas percebemos que havia uma preocupação referente à documentação pessoal dos migrantes por parte dos intermediadores, aqueles deveriam entrar em Brasília, com documentos em mãos.

Eu comecei trabalhando de servente, servente e depois, eu já tinha, meu pai era profissional, eu já tinha que me empregar numa profissão qualquer, mas inté lá, eu fui à primeira carteira minha, eu sai daqui só com certidão de nascimento e com titulo de eleitor, tiramos nossa primeira carteira profissional, na Bahia em Feira de Santana, a primeira carteira foi tirado na Bahia em feira de Santana. Porque lá não podia chegar sem documento, tinha que levar logo pra firma, ai a firma pegava tudo, é foi tirada em fera de Santana, e aí não tinha profissão aí botaram como servente, fichei na firma como servente que era na Pacheco Fernandes Dantas, uma firma grande que a gente tocava muito serviço lá, ai fichei de servente e fiquei trabalhando.⁴⁴

Como podemos observar, os trabalhadores que entraram em Brasília em um período de maior controle, já iam de certa forma “encaminhados”, como podemos perceber no trecho da entrevista do Sr. João, que foi morar com o tio em Parnaíba, mas ao chegar lá teve conhecimento da existência do Firmo Teles levando trabalhadores para Brasília. Ao ser indagado sobre sua trajetória ele destaca:

João Batista Vasconcelos: Aí eu fui pra Parnaíba, até aqui eu não sabia de movimento de Brasília não. Aí quando cheguei lá em Parnaíba, justamente encontrei com o velho Firmo Teles, ele tava arrumando duas carrada pra levar pra Brasília, ai o tio Alfonso disse assim:

- Aí João tu quer ir tentar á Brasília? Esse velho a te leva, lá é que tu paga a passagem. A gente ia, só tinha a cara mesmo, ia por conta deles.

Cosma Araújo: Tudo era por conta deles?

João Batista Vasconcelos: É, ai eu fui mais o velho, foi doze dia de viagem, de Parnaíba pra Brasília. Eu não e lembro o dia que saí de Parnaíba, eu só sei que chegamo lá em Brasília no dia vinte e três de outubro (de

⁴³ Ibidem, p.85.

⁴⁴ Entrevista com João Batista Vasconcelos, realizada em 28 de janeiro 2013, em sua residência, no Distrito de Araquém/Coreaú.

cinquenta e oito), e ele era assim, levava e deixava cada qual um na firma, no mesmo carro, levava o pessoal pra firma lá, ele fichava todo mundo, o pessoal tudinho.⁴⁵

Segundo Ribeiro (2008), o INIC e a Companhia Urbanizadora da Nova Capital (NOVACAP) e as companhias particulares atuaram em conjunto no controle do operariado seja no recrutamento ou seleção. Essa articulação aparece principalmente no ano de 1958 quando uma seca no nordeste incentivou a migração em massa dos trabalhadores nordestinos para muitas regiões do País, para se incluírem em frentes de trabalhos como a construção da Barragem de Três Marias, em Minas Gerais, e Brasília.

No período da seca de mil novecentos e cinquenta e oito, a função de recrutamento desempenhado pelo Inic passa a se confundir cada vez mais com a repressão ao afluxo de trabalhadores para o local, o órgão passa atuar no sentido de coibir entrada de pessoas que não se adequava ao perfil requerido para o trabalho.

Podemos supor que Firmo Teles era um intermediador (funcionário) da Firma Pacheco Fernandes Dantas.

Eventualmente, de acordo a necessidade de um maior número de trabalhadores – isto sob a ótica da necessidade de uma ou outra companhia em um determinado momento da sua produção – o afluxo organizado de grupos de trabalhadores podia ser efetuada pelas próprias firmas construtoras. Estas, quando não competiam entre si mediante oferta de salários mais altos, o que obviamente tinha limite, envolvia-se no recrutamento de operários fora do território da construção.”⁴⁶

Este controle dos trabalhadores servia também para manter as “boas relações” entre os operários e Patrões no período que já estavam engajados nos trabalhos, (no terceiro capítulo discutiremos essa questão). Ao chegarem a Brasília o Sr. João Batista afirma que os trabalhadores dormiam na casa de Firmo Teles, pois este era cearense, mas já se encontrava estabelecido em uma residência na Cidade Livre. Vejamos

João Batista Vasconcelos: Nesse tempo ele já tava com família lá já, ele já tinha casa dele lá, um barracão grande assim, ele agasalhava um bocado, um bocado dormia em rede, outros dormia no Chão.

Cosma: Ele, os trabalhadores ficavam na casa dele mesmo?

João Batista Vasconcelos: Ficava, nós chegamo de tarde, nós dormimos na casa dele mesmo, ele mandou fazer janta pra todo mundo e no outro dia, sete horas, nós peguemo o carro e fumo pro trecho lá, que era onde ficava o palácio hotel, o escritório era lá pertinho, o palácio hotel (...)⁴⁷

Um indicativo da entrada dos Araquenhese através do fluxo organizado se dá, da análise

⁴⁵ Entrevista com João Batista Vasconcelos, realizada em 28 de janeiro 2013, em sua residência, no Distrito de Araquém/Coreaú.

⁴⁶ RIBEIRO, Gustavo Lins, op. cit., p. 92 et seq.

⁴⁷ Entrevista com João Batista Vasconcelos, realizada em 28 de janeiro 2013, em sua residência, no Distrito de Araquém/Coreaú.

da Carteira de Trabalho de Carlito Teles Cardoso, este trabalhou na construção de Brasília nos anos de 1958 a 1959, exerceu a função de servente na construção do palácio do planalto, foi contratado pela construtora Pacheco Fernando Dantas. Afirmo ter chegado a Brasília no dia 17 de dezembro de 1958, em sua carteira de trabalho, a data de admissão nessa construtora é a mesma do dia de chegada à Cidade, o que podemos concluir que eles já saíam de Parnaíba encaminhados para o trabalho na Firma, e que não encontravam muitas dificuldades para serem contratados.

Para Ribeiro, os trabalhadores que chegavam a Brasília, que irão residir na Cidade Livre ou nas “invasões” podiam ser os trabalhadores que chegaram a cidade sozinhos, e conseguiram uma área para construir seu barraco, e depois mandavam buscar a família, ou o trabalhador que já chegou acompanhado da família. Com a seca de 1958 ocorrida no nordeste, esse tipo de situação passou a ser frequente, e a questão da habitação em Brasília passou a atingir pontos dramáticos, tendo como resultado a criação das cidades satélites, onde Taguatinga veio ser a primeira, criada em 1958. No diálogo com os trabalhadores migrantes

João Batista Vasconcelos : a era muita gente o pessoal tudo fazia aquela invasão e faziam aquela barracaria pra morarem, ele num podia pagar aluguel.

Cosma: E governo não era contra as invasões?

João Batista Vasconcelos : Não, não no dia das invasões o governo apoiava, mas depois ele botava o decreto pra mudar, tirar de lá.

Ainda sobre essa polêmica institucional Ribeiro, assinala que muitas famílias ao chegarem ao território da construção tiveram várias experiências de realizações de “invasões”, em áreas periféricas de construção da cidade, em especial na proximidade da Cidade Livre, como mais uma tentativa de “solucionar” o problema da moradia destas pessoas, as autoridades permitiram e incentivaram a sua concentração na denominada Vila Amauri, localizada em área que iria desaparecer com a construção do lago artificial Paranoá.

Podemos refletir a situação das famílias nas “invasões” a partir da fala Sr. João Batista, ele afirma que

É, eu tenho um irmão lá que ele chegou também na época, esse aí hoje tá lá, ele nunca veio, aliás, ele veio passear, mas se embora não, ele foi direto pra Pacheco se fichar na Pacheco, ficou morando assim num barraco vei que tinha no planalto. No lugar que se chamava barragem mesmo, eu ai tinha ficado, ia dormir na casa dele também, aí fizeram uma invasão no IAPI, ele, (pausa), ele aquilo ali, aquela invasão, a gente ia lá num lugar olhar um ponto e tirava um pedacinho de chão pra gente, e a gente mudava da acolá pra cá, de sábado até domingo, tira a noite e eu fiquei lá ajudando ele, aí ele mudou do IAPI pro gama, outra invasão que proibiram que era pra tirar aquela invasão que tinha saído do IAPI, muitos iam pro gama, ai ele mudou pro Gama, ainda hoje ele tá lá no Gama.⁴⁸

⁴⁸ Entrevista com João Batista Vasconcelos, realizada em 28 de janeiro 2013, em sua residência, no Distrito de Araquém/Coreaú.

Considerações finais

Os trabalhadores ao chegarem à cidade enfrentavam problemas diversos, referentes a habitações, alimentação e conflitos com a polícia, como “massacre” da Guarda Especial de Brasília-GEB, na firma Pacheco Fernandes Dantas. Diante da exploração do trabalho, as quais estavam expostos com o sistema de viradas e horas extras, os trabalhadores elaboraram estratégias, e forjaram saídas, reivindicando seus direitos.

Pensar a história através das narrativas dos próprios entrevistados significa inserir na História da construção de Brasília, novos sujeitos sociais. Significando também, a ampliação do campo da pesquisa histórica e outras possibilidades de interpretação.

[...] entender como pessoas e grupos experimentam o passado torna possível questionar interpretações generalizantes de determinados acontecimentos e conjunturas. [...] A capacidade de a entrevista contradizer generalizações sobre o passado amplia, pois, a percepção histórica- isto é, permite a “mudança de Perspectiva”⁴⁹

Os trabalhadores de Araquém além de terem sofrido influências da cultura diversificada manifestada por diversos povos, também foram importantes para a construção das identidades da população brasiliense. Hoje, pensamos qual pedaço da cidade lhes cabe. Muitos filhos, netos dos trabalhadores, moram em Brasília, nas cidades satélites, muitos vivem em Taguatinga, visitam a cidade de Araquém em época de eleição e em festejos, como todos têm vidas estáveis com empregos acabam voltando para a capital.

Quando pensamos os discursos que exaltam Brasília como uma “capital da esperança” devemos considerar o processo de construção da mesma, para quê? Para quem? E por quem ela foi construída? Ela é considerada pela UNESCO como patrimônio da humanidade, sendo uma das cidades planejadas mais elogiadas do mundo, mas “uma cidade planejada pode na melhor das hipóteses ser bela quando os planos não tem ambição de se estenderem até a última cabana”⁵⁰

Hoje mais de 50 anos que a Capital foi inaugurada, ainda sente-se a necessidade de pensar as contradições que a cidade apresenta desde os tempos de sua construção, uma vez que, há uma grande distância entre a Cidade planejada e cidade Real. E apesar de haver tentativas de reescrever a História a partir das memórias dos trabalhadores, sabemos que ainda há muito a ser feito.

Entender as trajetórias através de narrativas de novos sujeitos é importante, pois nos faz repensar a História de nosso país em uma perspectiva crítica que não anula o sujeito no processo Histórico, o coloca em evidência, uma vez que, é a partir de suas experiências que será construído esse processo histórico. Sendo também, uma forma de dar visibilidade a esses trabalhadores pelo suor por eles derramado em nome de um projeto de Nação, por muito elaborados, um “Sonho de

⁴⁹ ALBERTI, Verena, *Ouvir contar: Textos em historia oral*. Rio de Janeiro, FGV, 2004.p. 26.

⁵⁰ SCHNEIDER, Wolf. *História das Cidades de Babilônia a Brasília*, 3ª ed. Editora A.S.p. 311.

todo o País” que se materializa na Figura do Presidente Juscelino Kubistchek , e que muitas vezes, “camufla” a participação efetiva dos construtores de Brasília, os chamados Candangos. Estas diferenças de análise e pluralidades de opiniões nos fazem refletir sobre a dicotomia da cidade utópica, moderna e democrática, lugar da esperança que se transformou em capital do desespero e da exclusão para muitos que a viram e a fizeram nascer.

Muitos dos sujeitos entrevistados nessa pesquisa têm familiares morando em Brasília, irmãos, filhos, tios, sobrinhos, estes, muitos deles nasceram no Araquém e depois de adultos foram para lá, outras, foram na época da construção, ou são filhos destes. Existe uma relação grande entre Araquém e Brasília, que se constituiu ao longo do tempo através de redes sociais estabelecidas entre os trabalhadores. Brasília, ainda é um atrativo para aqueles que buscam melhorar de vida.

Escrever sobre “a lembrança dos excluídos do processo histórico, no caso os idosos, nos revela outro cenário dos espaços urbanos antes relatados apenas nos limites de versões oficiais”⁵¹Sabemos que “As pedras da cidade continuarão falando do esforço de cultura desenvolvido por homens e mulheres que trabalharam⁵². Que nela se esforçaram, brincaram, sonharam, sofreram, lutaram e resistiram.

Portanto, as narrativas apresentadas por estes senhores, são antes de tudo, as representações de homens comuns do interior do Estado do Ceará acerca da História, as suas paixões e visões de mundo, sonhos, esperanças, que se manifestam nas suas falas sobre suas trajetórias de vida.

⁵¹ JUCÁ, Gisafran Nazareno Mota. **Razões de uma escolha temática e de práticas metodológicas no campo da História Oral**. In: JUCÁ, Gisafran Nazareno Mota. (Org.). **Memórias entrelaçadas: experiências de pesquisas**. 1ªed. Fortaleza: Ed. UECE, 2009, p34.

⁵² BARBOSA, João Alexandre, 1979 In: BOSI, Ecléia. **Memória e sociedade: Lembranças de velhos**. 1994, p.15.

FONTES ORAIS:

Entrevista realizada com **Carlito Teles Cardoso**, em sua residência em Araquém, em 28/08/2011.

Entrevista realizada com **Domingos Teles de Albuquerque**, em sua residência em Araquém, em 05/02/2013.

Entrevista realizada com **Benedito Teles Moreira**, em sua residência em Araquém, em 28/08/2011.

Entrevista realizada com **José Gerardo Portela** em sua residência em Araquém, em 05/02/2013.

Entrevista realizada com **João Batista Vasconcelos** em sua residência em Araquém, em 07/02/2013.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena, **Ouvir contar**: Textos em historia oral. Rio de janeiro, FGV, 2004.

BARBOSA, João Alexandre, 1979 In: BOSI, Ecléia. **Memória e sociedade: Lembranças de velhos**. 1994.

CARVALHO, R. MARINHO; BERTINI, A. A.; VARUM, H. S. A. Expedição Caminhos da Terra: Levantamento Final das Construções em Adobe nas Regiões Norte e Nordeste do Estado do Ceará. 2010. Disponível em, <http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/4910/1/2009_eve_aabertine.pdf> acesso em 29 de set. 2014.

ESTRELA, Ely Souza. **Os Sampauleiros: Cotidiano e representações**. São Paulo/Humanistas/Educ/ FAPESP. 2009.

IBIAPINA. Wilson. Força e garra dos cearenses na construção da Capital Federal. Disponível em: <<http://www.brasilia50anosdeceara.com.br/index.php/clipping/70-forca-e-garra-dos-cearenses-na-construcao-da-capital-federal>> Acesso em 17 de março 2014.

JUCÁ, Gisafran Nazareno Mota. **Razões de uma escolha temática e de práticas metodológicas no campo da História Oral**. In: JUCÁ, Gisafran Nazareno Mota. (Org.). **Memórias entrelaçadas: experiências de pesquisas**. 1ªed. Fortaleza: Ed. UECE, 2009.

MIIDER, C., CASALI, C. **JK: a construção do mito antes da minissérie global**. 2ª Ed. Revista: Revista Científica Interdisciplinar da Gradação, São Paulo, 2011.

NEVES, Frederico de Castro. **A seca na história do Ceará**. In: Uma Nova História do Ceará. Simone Souza (org.). – Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2000.

PILDAS, Leonardo. **História de Coreaú (1702 -2002)** - Sobral: Expressão Gráfica e editora Ltda., 2003.p.285.

RIBEIRO, Gustavo Lins. **O Capital da Esperança: a experiência dos trabalhadores na construção de Brasília**. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2008.

SCHNEIDER, Wolf. **História das Cidades de Babilônia a Brasília**, 3ª ed. Editora A.S.p.